

O sonho “enquadrado”

Verônica Vieira (UERJ/EDU)
Gláucia Guimarães (UERJ/FFP)

Eixo Temático: Leitura é problema de quem?

Resumo

Este texto discute as leituras dos textos televisivos na escola a partir de uma experiência vivenciada durante uma das atividades de uma pesquisa acerca das leituras na escola (Barreto, 2007). Observamos algumas marcas e desejos do discurso televisivo nas falas, comportamentos, produção/leituras e sentidos denotativos e conotativos atribuídos ao tema “a casa”, trabalhado em uma das oficinas de leitura.

A TV vem ocupando espaços significativos no cotidiano dos sujeitos, a sua presença nos lares tornou-se um fenômeno natural. Mesmo com a chegada de outras mídias, a exemplo da internet, a televisão continua a exercer um forte poder de fascinação e de penetração nas esferas sociais e culturais, devido a sua acessibilidade e a sua capacidade de comunicação de massa.

Esse alcance de massa pode ser explicado pela idéia de reflexo, na qual o sujeito se vê na TV e a “TV que nos olha” (Fischer, 2003; Fischer, 2001), através da identificação com os personagens/histórias, quadros dos programas televisivos ou mesmo pelos informes dos telejornais.

Para tal existe uma “articulação de linguagens na produção de efeitos de sentidos” (Guimarães, 2006) que estreita a realidade concreta e a representada, de modo a não perceber os limites entre elas, gerando a idéia de democratização e do reconhecimento do sujeito na TV. Assim a televisão deixa de ser apenas o lugar do entretenimento e passa a ser o lugar da informação, o lugar do reforço de valores/comportamentos e a ser visto como um dos principais lugares de aquisição de conhecimentos ou mesmo da produção cultural (Sarlo, 2000).

Com a maciça participação da TV no contexto social e cultural, o saber que é veiculado por ela tende a parecer “o” verdadeiro ou o que de fato acontece. Nas palavras de Machado (1988): “aquilo que não passa pela mídia eletrônica torna-se estranho ao conhecimento e a sensibilidade do homem contemporâneo”.

Partindo deste pressuposto, pode-se dizer que a escola não é mais o lugar central do conhecimento, que aquisição do saber está para além da sala de aula e muito centrada no que é veiculado pelas tecnologias da informação e da comunicação (Sarlo, 2000).

Por outro lado, em vez de investigarmos estas questões, nós, na instituição escolar, tendemos a “ignorar a presença da TV” (Fernandes, 2003) ou tendemos a reprimir qualquer questão polêmica sugerida na TV que possa sobressair no cenário pedagógico. Este afastamento pode acarretar uma forte tendência de

confronto, entre o que é veiculado na TV e o que é ensinado pela escola ou, o que é pior, pode desvalorizar os conhecimentos que circulam na escola e privilegiar os saberes veiculados pela TV.

Porém, que conhecimentos/valores são esses? Que cultura a TV (re)produz? Como tais questões chegam aos alunos/às crianças?

Não pretendemos responder essas questões, mas refletir a partir delas na perspectiva da análise do discurso, como um recorte específico do projeto de pesquisa “A leitura no aperfeiçoamento do ensino: uma proposta de pesquisa participante” (Barreto, 2007). Procuramos observar as marcas do discurso televisivo nas falas, comportamento, produções/leituras e sentidos atribuídos pelos alunos, sujeitos da referida pesquisa da qual participamos.

Em uma das atividades da pesquisa, objetivando trabalhar com os alunos os sentidos denotativos e conotativos, foram apresentados dois tipos de textos: um anúncio de jornal de casa à venda (sentido denotativo) e a música “A Casa” (sentido conotativo) de Vinícius de Moraes.

Todos conheciam a música regravada pelo grupo Capital Inicial. Esta versão é tema de abertura do quadro “Lar Doce Lar” do programa “Caldeirão do Huck”, um quadro que tem por finalidade a transformação da casa “velha”, “feia”, em uma casa “bela”, “perfeita” - parecida com as casas nas novelas.

O fato é que, ao pedirmos para que os alunos desenhassem ou escrevessem sobre uma casa em seu sentido concreto, literal, restrito, denotativo e outra em sentido mais amplo, imaginário, sonhado, conotativo, o movimento que a maioria registrou foi o repetido todos os sábados no programa do Huck: da casa simples (“feia”) à casa de novela (bonita, “com coisas caras”).

As produções, em quase sua totalidade, contêm carros, motos, celulares, computadores, geladeiras (freezer), televisores ultramodernos, e mesmo, móveis que parecem representar “a verdadeira beleza do lar”. Fica explícito o sonho da casa bela, onde cada canto possui objetos que remetem para a ostentação, o luxo e glamour; semelhantes às telenovelas, em que a realidade da casa pobre é posta para um segundo plano.

Outro aspecto que chama a atenção é a presença de figuras femininas nas produções cuja característica se enquadra na beleza padronizada tão divulgada na mídia. No trabalho de uma menina negra havia duas figuras femininas brancas, duas atrizes internacionais. A aluna disse que uma daquelas figuras seria ela e a outra seria sua mãe. Neste caso, a TV parece representar o que se deve ser (Fischer, 2001)!

A partir da análise, ainda que superficial, destas produções, cabe perguntar: os sonhos que os alunos sonham são deles? Atendem aos seus legítimos interesses e realidades? Pelo o que podemos ver, os sonhos que eles desejam realizar já vêm “prontos” e “enquadrados” através das imagens, sons e palavras veiculadas pelos meios de comunicação e pouco sobra para questionar estes sonhos pré-moldados.

A realidade da TV é tão espetacular que tende a ser desejada pelos telespectadores, que por sua vez reforçam o apelo discursivo, participando do que Guimarães (2006) chama de efeito de hiper-real na mediação televisiva, presenciado na produção e na recepção.

Esta comunicação em massa veiculada pela televisão pode produzir “a confusão entre a realidade expressa e a realidade representada” (Sfez, 2000), a confusão entre os interesses pessoais e os interesses privilegiados na televisão, neste caso, proporcionada pelo programa de TV Caldeirão do Huck e tantos outros.

Isso nos levar a pensar em como o aluno lê essa aproximação entre estas realidades e como tende a ignorar a sua própria. E mais, como a escola tem disponibilizado as mesmas condições de produção de leitura que a TV disponibiliza.

Portanto, será que na escola não temos reforçado esta leitura orientada para o consumo que a TV ajuda a propalar? A escola está preparada para receber as mais diversas leituras e realidades? A escola ensina a ler essa suposta realidade refletida na TV? Será que na escola conseguimos admitir a realidade, os interesses e os sentidos que os alunos podem construir a partir de suas próprias condições de produção de textos, leituras e práticas sociais? Afinal, será que na escola podemos proporcionar outras condições para que sejam formalizados conhecimentos acerca dos textos que circulam na sociedade, sem descontextualizá-los (Bernstein, 1996), partindo dos contextos e mecanismos de produção textual à pluralidade constitutiva da recepção?

Referências

BARRETO, R. G. *A leitura no aperfeiçoamento do ensino: uma proposta de pesquisa participante*. Projeto de Pesquisa financiado pela FAPERJ. Rio de Janeiro: mimeo, 2007.

BERNSTEIN, Basil. *A estruturação do discurso pedagógico: classe, códigos e controle*. Petrópolis: Vozes, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FISCHER, R. M. B. *A TV que vemos e a TV que nos olha* (Material Didático para Série de TV). Rio de Janeiro: MEC/ Secretaria de Educação a Distância/ TVEscola - Salto para o Futuro, 2003.

GUIMARÃES, G. *A articulação de linguagens na TV: questões educacionais para a sociedade multimidiática*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UERJ/ProPEd, 2006.

GUIMARÃES, G. & BARRETO, R. G. *Mecanismos discursivos: articulação de linguagens na TV*. Caxambu. ANPEd, 2007.

MACHADO, A. *A arte do vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SARLO, B. *Cenas da vida pós-moderna: intelectuais, arte e videocultura na Argentina*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2000.

SFEZ, L. *Crítica da comunicação*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2000.